

## TENSÕES SOCIAIS NA 1ª REPÚBLICA ATRAVÉS DE LIMA BARRETO\*

Leandro Henrique Magalhães\*\*

---

**Resumo:** O presente artigo procura demonstrar a possibilidade de se utilizar da literatura como fonte histórica, partindo das considerações de Nicolau Sevcenko em sua obra *Literatura como Missão*. Para tanto, utilizei-me da obra intitulada *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, de Lima Barreto, afim de se fazer algumas considerações acerca do Rio de Janeiro na 1a. República.

**Unitermos:** literatura, Primeira República, regeneração, aburguesamento.

---

### Introdução

Este artigo nasceu a partir da leitura da obra de Nicolau Sevcenko intitulada *Literatura como Missão* (1985), na qual o autor analisa a República do início do século através de obras literárias da época, destacando-se os autores de *Triste Fim de Policarpo Quaresma e Os Serões*<sup>1</sup>. Minha análise, entretanto, se restringe a alguns aspectos do mesmo período, partindo de uma obra específica de Lima Barreto. A obra a que me refiro intitula-se *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*. Não pretendo com isso esgotar todas as considerações acerca do livro nem analisá-lo em seu sentido literário, mas sim mostrar a possibilidade de se utilizar a literatura como fonte histórica e como uma obra literária pode ser rica para este fim. Contudo, antes de iniciarmos esta análise, faz-se necessário algumas considerações acerca do uso da literatura pelo historiador.

A literatura deve ser entendida como forma de expressão que retrata determinado aspecto social, localizado no tempo e no espaço,

---

\* Trabalho apresentado em primeira versão à disciplina 3 HIS 013 - História do Brasil III, no ano de 1996, ministrada pela professora Maria de Fátima da Cunha.

\*\* Aluno do Curso de Especialização em História Social (Linha de Pesquisa: História e Cultura) na Universidade Estadual de Londrina.

<sup>1</sup> Respectivamente Lima Barreto e Euclides da Cunha.

podendo apresentar-se tanto como legitimadora de uma ordem como refutá-la, sendo que neste caso há uma resistência por parte da sociedade, que tende a ser conservadora. Segundo SEVCENKO (1985), este refutar apresenta-se, na literatura, como contraversão, manifestando-se mais especificamente na militante, possuindo um cunho social e, na maioria das vezes, encontrando-se à margem da elite literária, como é o caso de Lima Barreto no início do século.

A expressão literária pode apresentar-se de formas distintas, ou seja, pode representar um conjunto de idéias preponderantes dentro de um corpo social, que ficam à margem da sociedade ou até mesmo coexistindo paralelas e pacificamente com as preponderantes, podendo estar escondidas destas ou convivendo com elas. A obra de Lima Barreto, apesar de não encontra-se inserida dentro do que chamaríamos literatura oficial, não deve ser considerada como marginal, já que por duas vezes o autor tenta ingressar na Academia Brasileira de Letras (sem no entanto conseguir “tornar-se imortal”) e por várias vezes tentou, também sem sucesso, publicar seus livros pela principal editora do Rio de Janeiro, a Granier, onde os “grandes” literatos da época se encontravam e publicavam suas edições. Lima Barreto se encontra no limite entre a literatura do “submundo” carioca e a literatura clássica, já que era criticado por sua obra ser imbuída de um cunho social e não possuir o lirismo parnasiano tão apreciado pelos seus contemporâneos e, no entanto, alimentava um desprezo pelos não letrados e uma busca do convívio de intelectuais e artistas da época. Era ele um crítico social, porém mergulhado em um orgulho que o tonara “superior” aos não letrados, apesar de sua situação social e de sua cor<sup>2</sup>.

Quando partimos de uma obra literária para uma análise histórica, devemos ter em mente que ela nos mostra as aspirações e fantasias de uma época, ou para ser mais preciso, de uma fatia da sociedade desta época, ou seja, a dos chamados literatos. A literatura acaba, assim, criando suas próprias tradições a partir dos desejos e projetos inseridos em sua obra, estando ela ligada a seu tempo, sendo fruto de uma situação.

Além de considerar certas especificidades dentro da literatura, o historiador que se dispuser a trabalhar com ela deve também levar em consideração o contexto em que a obra foi escrita, suas características e o imaginário da época. Faz-se necessário também conhecer a história de vida do autor, além da escola literária em que

---

<sup>3</sup> Lima Barreto era mulato e por isso sofria muitas privações e perseguições.

ele se filia, para assim completar o entendimento de sua obra e inseri-la dentro de um processo histórico mais amplo, que no caso específico seria a república brasileira no início do século em sua capital: o Rio de Janeiro.

### **Lima Barreto: vida e obra<sup>3</sup>**

No Brasil de início de século, o lirismo dominava a literatura nacional tendo em Olavo Bilac sua maior expressão. Lima Barreto aparece como a antítese deste estilo literário, trazendo em sua obra uma crítica social e transformando em caricatura personagens da República, sofrendo com isso severas restrições da imprensa e da crítica literária. A posteriori, porém, Lima Barreto foi considerado um expoente da literatura do início do século, sendo um dos principais autores do que foi chamado Pré-modernismo no Brasil.

Lima Barreto nasceu no dia 13 de maio de 1881, no Rio de Janeiro. Filho de pais humildes, desde cedo acompanhou as dificuldades do pai em relação a política: era monarquista num momento em que o movimento republicano ganhava força. Com a Proclamação da República, seu pai se viu em uma situação difícil, e por influência do Deputado (e padrinho de Lima Barreto) Afonso Celso foi trabalhar na colônia de alienados mentais na Ilha do Governador, para onde levou toda a família, menos o pequeno Afonso Lima Barreto, que ficou no Rio de Janeiro para completar seus estudos. Lima Barreto fica órfão da mãe em 1887 e dez anos depois ingressa na Escola Politécnica, onde se matricula no curso de Engenharia Civil. Não consegue se formar, fazendo um curso medíocre, preferindo a biblioteca e os filósofos à sala de aula. É neste período que entra em contato com o “Discurso do método”, de Descartes, obra que o influenciará em todos os seus escritos. Em 1902 seu pai enlouquece e Lima Barreto abandona a escola para trabalhar e sustentar sua família. Consegue um emprego no Ministério da Guerra e começa a freqüentar meios boêmios e intelectuais da capital da República. Não consegue, no entanto, publicar seus

---

<sup>3</sup> Os dados aqui apresentados acerca da vida e obra de Lima Barreto foram selecionados a partir dos prefácios de sua obra, escritos por Fernando Assis Barbosa, na edição de 1961, e por Carmem Lydia de Souza Dias e Carlos Faraco (postácio), na edição de 1995.

escritos, e com este fim lança a *Floreal*, revista que tinha como um de seus objetivos dar espaço para escritores alternativos, onde publica os primeiros capítulos de Recordações do escrivão Isaias Caminha. Sua revista dura apenas quatro edições e, ao final desta, Lima Barreto se encontra bastante endividado. Em 1909 autoriza a publicação de Recordações... em uma editora portuguesa, sem obter direitos autorais. Banca publicações de outras obras e se vê cada vez mais endividado. Sem perspectivas, torna-se alcoólatra, o que lhe traz graves problemas de saúde e a aposentadoria do Ministério da Guerra por invalidez no ano de 1918. No ano seguinte é recolhido ao hospício onde fica até 1920. É auxiliado por Monteiro Lobato na publicação de Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá. Sem abandonar a bebida, morre no dia 1o. de novembro vítima de colapso cardíaco.

Como podemos notar, Lima Barreto teve uma vida difícil, já que além da pobreza sofria também com a discriminação racial. Para Lima Barreto, muito de sua desgraça pessoal era culpa da República, e assim possuía uma grande resistência em aceitá-la. Ele traça, no entanto, os grandes acontecimentos republicanos, tentando com isso mostrar as misérias da sociedade carioca, além de fazer um panorama da mentalidade burguesa do início do século. Lima Barreto não se mostrava ortodoxo em nenhum credo, ao contrário, mostrava-se conhecedor das grandes linhas ideológicas do início do século (Positivismo, Socialismo, Humanismo), fazendo a sua própria interpretação da realidade. Freqüentador dos cafés cariocas, conhecia a intelectualidade da capital, gostava da boêmia, mas sua atividade no Ministério do Exército o impedia de ser um "boêmio ativo".

A obra de Lima Barreto é carregada de críticas à República e todo o seu aparato, seus costumes e seus personagens. É uma obra voltada para a gente simples, e por isso de fácil compreensão e com um cunho crítico e social. Em quase toda a obra encontra-se alusões à discriminação racial e em como ela pode limitar o indivíduo, como seleciona os que terão chance e os que serão descartados. Muitos vêem na obra de Lima Barreto traços biográficos, onde encontra-se alusões a sua vida de miséria e frustrações.

## O Rio de Janeiro e a Primeira República<sup>4</sup>

Para pensarmos a sociedade carioca no início do século, nada melhor do que utilizarmos uma obra que procura retratar (e criticar) esta sociedade, com seus vícios e aspirações. Recordações do escrivão Isaias Caminha traz em suas linhas os sonhos e frustrações de um garoto mulato que, vindo do interior se instala na capital da República, vivendo o dia a dia desta cidade, sendo no entanto privado de encontrar sua realização pessoal. Por meio dos personagens apresentados na história de Isaias, Lima Barreto retrata os costumes e a vida da sociedade carioca na Primeira República.

A Capital da República brasileira vivia ainda no início do século a adaptação ao novo regime, contendo assim junto com seus “novos” elementos, características remanescentes da Monarquia brasileira. Há uma tentativa de apagar a memória do Império, perseguindo todos os resquícios e lembranças deste período, procurando-se assim destruir a tradição monárquica brasileira. Como na França pós revolução, os liberais brasileiros derrubaram casarões, impuseram costumes, importaram vestuários, tudo para criar uma nova imagem do povo brasileiro, inserindo-o na modernidade ocidental. Tentaram assim remodelar o Brasil e, mais precisamente, a Capital da República brasileira, eliminando tudo o que estivesse fora dos padrões europeus. É neste sentido que se busca uma remodelação do cenário carioca, com a criação de passeios públicos, alargamento das ruas, higienização, além de afastar do centro da cidade toda a espécie de gente que possa descaracterizá-la como uma cidade moderna. Passa a haver uma separação da cidade em dois mundos: o mundo dos regenerados, dos que acompanham o progresso da sociedade, que buscam a integração do Brasil com o mundo ocidental, e o mundo dos que devem ser escondidos, afastado para os morros e favelas na periferia da cidade. Busca-se, nas palavras de Lima Barreto, uma população “catita, limpinha, elegante e branca” (p. 117)<sup>5</sup>. A sociedade carioca, no entanto, se vê a distancia de toda esta política de regeneração, mobilizando-se quando atingida no

---

<sup>4</sup> O referencial histórico aqui apresentado foi, em sua maioria, elaborados a partir da leitura da obra: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>5</sup> As citações por mim utilizadas são referentes a obra publicada no ano de 1995, pela editora Ática, conforme citado na bibliografia.

seu cotidiano, ou seja, quando se tem uma tentativa de interferência nos seus costumes, crenças e relações — como é o caso apresentado na obra de Lima Barreto em que, ao perigo de imposição do uso de sapatos, e ao boato de que os que tivessem pés grandes seriam obrigados a operá-los — a população se revolta, utilizando-se do motim. Este, segundo Lima Barreto, “não tem fisionomia, não tem forma, é improvisado” (p.144) , destruindo tudo o que vê, desde combustores de iluminação até os bondes. Daí, entende-se, talvez, o por que de seu uso freqüente como forma de protesto.

Esta tentativa de remodelação do cenário carioca é acompanhado de um arrivismo exagerado, de uma busca de riquezas, que se faz frágil, volátil, aparecendo a todo momento novos ricos, que logo perdem suas fortunas. Surge a figura do ladrão de casaca, do SMART (esperto), daqueles que procuram tirar proveito de tudo. Lima Barreto não deixa de mostrar esta situação no próprio jornal em que Isaias Caminha (personagem principal da obra em questão) trabalha, onde a procura de posições respeitáveis dentro da República se faz constante.

No meio desta regeneração carioca, encontram-se elementos saudosistas em relação ao Império. Há uma permanência de certos costumes e tradições que são, de certa forma, incorporados ao imaginário republicano. A necessidade de títulos, a importância dada ao nome, ao ser doutor, são exemplos desta permanência. Os doutores, deputados e membros da antiga nobreza encontram privilégios e vantagens ao lado dos novos ricos e burgueses de ocasião. Lima Barreto aponta uma certa nostalgia dos tempos de glória do Império, quando os grandes bailes, as valsas francesas, a arte e a elegância predominavam. Existe uma convivência até certo ponto pacífica entre os novos ricos e a elite que pertencera ao Império, uma convivência entre o regenerador e o conservador, todos eles presentes na política republicana.

Lima Barreto não deixa de apresentar a influência da ciência na construção do imaginário republicano brasileiro, e como ela é absorvida pela população. As grandes linhas ideológicas da época se infiltram no Brasil, se completando de forma equívoca, como é o caso apresentado pelo personagem Leiva, socialista que participa de encontros no clube positivista. O racismo também é apresentado em sua forma científica, através da antropologia racial, cientificismo este bastante presente entre os intelectuais da primeira república.

Em Recordações do escrivão Isaias Caminha, Lima Barreto transporta para a redação do jornal *O Globo* as características da

sociedade carioca, desde o arrivismo regenerador até o culto aos doutores e nobres, inserindo aí questões como a divisão do trabalho, a cientificidade e o preconceito, sem desvincular seus personagens das misérias e frustrações tão presentes na sociedade carioca da primeira república. Esta sociedade, no início do século, apresenta-se em um processo de aburguesamento, onde começa a perder algumas características agrárias e a ganhar novas formas de relações e controle. A regeneração faz parte deste aburguesamento, quando se procura aproveitar melhor o espaço, buscando-se a utilização racional dos mesmos. Não devemos, todavia, esquecer que o Brasil estava inserido em um contexto mundial no qual a ocidentalização domina as relações internacionais e, assim sendo, a Europa passa a ser o modelo a ser seguido por todos aqueles que buscam a modernidade. O aburguesamento se deu de forma gradativa e muitas vezes até imperceptível, adentrando em todos os aspectos da vida, desde o lar até o trabalho. Daí, a busca da higienização do espaço fabril e do conforto do lar, passando pelo vestuário e pela educação.

Lima Barreto consegue assim apreender em seu trabalho algumas das tensões que permeavam o cotidiano carioca no início do século, traduzindo para sua obra aspirações e resistências de brasileiros que viviam lado a lado com o ideal do progresso e da regeneração, sem deixar de mostrar o conservadorismo da sociedade carioca, apresentado através da importância dada aos títulos e à posse da terra como forma de adquirir riqueza, prestígio e poder.

### Referências Bibliográficas

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaias Caminha*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. Prefácio de Fernando Assis Barbosa.

\_\_\_\_\_. *Recordações do escrivão Isaias Caminha*. São Paulo: Ática, 1995. Prefácio de Carmem Lydia de Souza Dias. Pós-fácio de Carlos Faraco.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DARNTON, R. *Boêmia Literária e Revolução*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MAYER, Arno J. *A força da tradição: a resistência do Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

RAGO, Margareth L. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

STAROBINSKI, Jean. *1789: os emblemas da razão*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1985.